



Educação Unisinos

E-ISSN: 2177-6210

revistaeduc@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
Brasil

Mendonça, Samuel; Adaid, Felipe  
Contribuições de Nietzsche para a Filosofia e a Educação  
Educação Unisinos, vol. 15, núm. 2, mayo-agosto, 2011, pp. 166-167  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449644455010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re<sup>o</sup>alyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Contribuições de Nietzsche para a Filosofia e a Educação

### Nietzsche's contributions to Philosophy and Education

Samuel Mendonça  
samuelms@gmail.com

Felipe Adaid  
felipeadaid@gmail.com

AZEREDO, V.D. de (org.). 2008. *Nietzsche: Filosofia e Educação*. Ijuí, Unijuí, 200 p.

O legado de Nietzsche é imensurável, e suas ideias visivelmente continuam ecoando não apenas no cenário acadêmico. A despeito de sua vasta produção, pouco se escreveu especificamente sobre a educação; destarte, falar deste assunto é um grande desafio. Por isso, para os estudiosos da educação e seguidores do portentoso filósofo alemão, esta tarefa se limita, para muitos, a ler seus comentadores.

Nessa intercessão Nietzsche e educação, encontramos, *maxime* na bibliografia nacional, os ensinamentos da eminente doutora Vânia Dutra de Azeredo, professora do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, autora de diversos livros sobre a filosofia de Nietzsche. Em relação às suas obras, elencamos para a propositura do presente trabalho: *Nietzsche: filosofia e educação*, uma compilação de nove textos de diversos autores, organizado por ela mesma.

No texto *Claustros vão se fazer outra vez necessários*, Scarlett Marton discorre sobre a nefasta mercantilização e massificação da cultura e da educação. Para Nietzsche, estes que democratizam a educação e cultura, transformando-as em quantidade sem se preocupar com qualidade, tirando a liberdade dos estudantes e transformando a cultura numa uniformidade de necessidades e opiniões, recebem o nome de “filisteus da cultura”. Ao contrário do que ocorre, o ensino perfeito deveria ser puro e desvinculado de qualquer objetivo prático para o Estado, enquanto que a cultura deveria ter um caráter universal, ser uma criação desinteressada e desligada de qualquer intuito utilitário.

Em *Educação e cultura em Nietzsche: o duro caminho para “tornar-se o que se é”*, de Wilson Antonio Frezzatti Jr., mais uma vez se retoma a ideia da mercantilização da educação. É neste texto que se introduz a noção de “sociedade de rebanho”, que, para Nietzsche, equivale à grande parcela da população, cujos pensamentos e valores não são divergentes; trata-se de uma metáfora que compara o comportamento gregário dos bois ao de alguns humanos. Contrapondo-se ao rebanho, existe o homem superior, que está fora da massificação e nivelamento cultural, chamado de aristocrata. O paradigma de educação nietzschiana consiste exatamente na formação deste tipo incomum de homem, na qual os próprios aristocratas se educariam a si mesmos. Logo, o “tornar-se o que se é” equivale a elevar ao máximo, isto é, em maximizar a potência de superioridade.

Em *Das vantagens e desvantagens da história da filosofia para o ensino de filosofia*, de autoria da organizadora Vânia Dutra de Azeredo, há uma crítica à filosofia contemporânea, a qual meramente reproduz o passado, sem produção de novos conhecimentos. Baseando-se nas lições de Nietzsche, a crítica se refere à funesta utilização da história a serviço da vida, ou seja, os filósofos passam a ser ordinários comentadores dos pensamentos pretéritos. O grande problema desta prática é a estagnação do processo de produção de conhecimento. É evidente que o estudo do passado é fundamental, mas jamais devemos subjugar a importância da criatividade e principalmente do repensar os novos valores.

Claudemir Luís Araldi, em *Nietzsche, a educação e a crítica da cultura*, retoma a ideia nietzschiana da sociedade de rebanho e filisteus da cultura no sistema educacional. Nietzsche repudiava a educação alemã, que não difere da nossa, formava pessoas com enorme quantidade de saberes desordenados e descontextualizados da cultura. O interesse do Estado na universalização deste tipo de educação está no fato de que ela enfraquece a cultura, transformando-a em ferramenta a serviço do Estado. A solução, para Nietzsche, não poderia estar senão na filosofia. Neste diapasão, a educação deveria promover uma maior individualidade das singulares potências e capacidades humanas, e não seu nivelamento e massificação.

*Nietzsche Educador: negatividade, afirmação e antropofagia*, de Maria Cristina Franco Ferraz, faz coro à fábula nietzschiana do cordeiro e da ave de rapina, alusão metafórica e irônica à questão dos valores morais da nossa sociedade. Os cordeiros, animais gregários que odeiam as aves de rapina, percebem-se melhores do que elas. Para os cordeiros, quanto menor a semelhança com uma ave de rapina, tanto melhor. Notoriamente, o cordeiro simboliza o homem comum, cuja identidade se dá pelo negativo do outro. É neste processo de negação que, de acordo com Nietzsche, surgem os valores morais.

Eduardo Brandão, no artigo *Nietzsche e o seu compromisso: a transvaloração e a "Necessidade Metafísica" em Schopenhauer*, reza sobre a percepção de Nietzsche a respeito da educação. Como intitulado pela sua própria obra, Nietzsche considerava Schopenhauer um educador, na medida em que *grosso modo* ambos dividiam a mesma ideia a respeito da estreita relação entre metafísica e civilização. Não obstante, Nietzsche apresentava uma perspectiva mais simples a respeito dos valores. Isto não significa negar o quanto o legado de Schopenhauer foi fundamental para a noção de transvaloração nietzschiana. É óbvio que Nietzsche, em momento algum, torna-se em absoluto schopenhaueriano; entretanto, nas palavras do próprio autor: Nietzsche ainda era muito schopenhaueriano para ser simplesmente nietzschiano, e suficientemente nietzschiano para não ser apenas schopenhaueriano.

Em *Paidéia: a crueldade espiritualizada*, escrito por Ester Maria Dreher Heuser, a cultura é o cerne da explanação. A autora compara esta ao conceito de *Paidéia* – vocábulo grego equivalente às ideias de civilização, cultura, tradição e educação – e à nefasta disputa para se tornar um homem de excelência na Grécia Antiga. A ideia nietzschiana de vontade de potência, contraposta à essência dos seres, também ganha grande espaço no texto. Esta vontade de potência é sempre um pensamento valorativo, cheio de julgamentos e moralidade, contrapondo-se àquilo que o autor chama de filósofo do futuro, onde a verdade, aliás, os valores de verdade ganham nova significação.

Antonio Edmilson Paschoal, no texto *Da utilidade da filosofia para a vida*, discorre a respeito do equívoco na ementa do curso de Filosofia no Ensino Médio, visto que, na realidade, o que os alunos aprendem é apenas História da Filosofia. Sua intenção é fazer da Filosofia um curso onde os estudantes aprendam a filosofar, justamente o que não ocorre. Em sua crítica ao ensino filosófico, o autor retoma a ideia nietzschiana de filisteísmo cultural, comentando sobre a atroz banalização da cultura. Por fim, relaciona a utilização que os gregos davam à filosofia com a que nós lhe damos. Na Grécia Antiga, os conhecimentos filosóficos eram tidos como passíveis de serem vivenciados e utilizados no cotidiano, ao contrário do que ocorre hoje, onde o conhecimento filosófico é apreendido pelos homens como mercadoria luxuosa e erudita.

*In fine*, Azeredo apresenta *O professor Nietzsche*, escrito por Rosa Maria Dias, deixando-nos em um estado de Nirvana com o deleitoso relato de Nietzsche apresentado como um homem, e não mais como gênio lendário. Como é notório ao imaginário de qualquer amante da literatura nietzschiana, ele foi um professor estonteante, de sorriso tímido e, acima de tudo, modesto e altruísta. Como acadêmico, não visava apenas ao acúmulo de conhecimento, mas sim ao desenvolvimento do senso crítico e criativo. Muito atencioso, nos diálogos com os alunos, mais ouvia que falava.

A despeito dos ínfimos registros diretos sobre a questão da educação na obra nietzschiana, ao examinador mais incipiente é notória a contribuição dos escritos de Nietzsche para a área educacional. Como demonstrado no decorrer desta coletânea de Vânia Dutra de Azeredo, encontramos neste filósofo um exemplo da *paideia*. Homem de sabedoria mítica, demonstrada ao longo dos textos, é finalmente desmistificado no último texto. Mais interessante ainda é o *gran finale* dado pela organizadora no último texto, uma verdadeira ironia, que quiçá passe despercebida ao olhar desatento. Em epitome, a obra *Nietzsche: filosofia e educação* é, longe de qualquer objeção, uma fonte primordial de leitura necessária para qualquer aprendiz da filosofia e da educação.

Samuel Mendonça  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Rod. Dom Pedro I, Km 136, Pq. das Universidades  
13086-900, Campinas, SP, Brasil

Felipe Adaid  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Rod. Dom Pedro I, Km 136, Pq. das Universidades  
13086-900, Campinas, SP, Brasil